



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Encom. telegr. Taltaba — Lisboa — Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATA LHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## CULTIVAR

Tam complexa se tornou esta questão da carestia da vida, tão enredada nos labirínticos meandros económicos da organização vigente, que cada vez se mostra mais sensata a solução revolucionária, consistindo em cortar o mal pela raiz, quer dizer, desmanchar inteiramente um trabalho mal feito para começar, pelo princípio, a refazê-lo. Esta solução, tendo o mérito de ser profética, tem ainda a qualidade muito notável de ser única. A carestia da vida está para a organização burguesa como os espinhos estão para o ouriço, e enquanto deixarmos subsistir os atuais eixos económicos em que gira toda esta engrenagem multitudinária não há maneira de nos virmos livres da carestia da vida. Já se sabe, portanto, que teremos de sofrer enquanto não nos resolvermos a fazer a revolução social, posto que a coisa, de facto, depende de nos resolvermos a fazê-la; tendo já, como temos, do nosso lado, os principais elementos de sucesso, que são o número, do resultado da força, e que é sobretudo a razão. Mas se não há possibilidade de debelar radicalmente o mal, averigua-se que há infinitos meios de atenuá-lo. Esses meios, ou desdizem-nos os governantes, ou não tem curado de adoptarlos. O certo é que o fim da guerra não deu lugar a uma melhoria da vida, e até esta se mostra, pelo contrário, com tendências pronunciadíssimas para aumentar. A U. O. N. foi uma das colectividades que a sério estudou o problema, dando que outras colectividades o tivessem estudado, também, o que não consta. E a U. O. N., depois do estudo que fez, apresentou um programa vasto de reformas, todas tendentes a melhorar as condições de vida da população. Não perdeu esse programa, do modo nenhum, a oportunidade, e insistiu em que as suas conclusões, dado que fossem adoptadas, deixam modo teriam obviado ao assustador aumento, constante e geométrico, do preço de todas as coisas.

Uma das conclusões a que chegava o programa de reclamações da U. O. N. consistia em reputar-se absolutamente necessário arranhar o mais depressa possível, as mãos dos proprietários, as avultadas extensões do terreno que eles conservam absolutamente improdutivas. Portugal não tem indústria, etc., etc. Põem-nos à redacção daquele estendal de milénias em que vem a dar as análises à situação do país. Mas certo é que se Portugal não produz a máquina nem o artefacto complexo, não poderia produzir pão e batatas, gado e lacteínos, que bastassem não só às suas próprias necessidades, mas ainda para remediar as faltas dos vizinhos. Não produz, nada, e para nada presta, nem em indústria nem em agricultura, nem em coisa nenhuma com valia nesta vida. E isso resulta do facto de se conservarem inculcas parcelas imensas de terreno desaproveitadas, perdidas para o trabalho, cobertas de urze e tojo, desprezadas. Não temos que comer, literalmente. E deixa-se que o egoísmo de uns poucos, dos que assambram a terra, ponha entraves a quaisquer possibilidades de roussurreição que ainda nos restem.

O regime das moedas, adoptado em várias regiões do Alemto, deixa inaproveitados, durante períodos que atingem dois lustros, hectares e hectares de terreno fértil que em cultivo trivial, ou por meio do *dry-farming*, poderiam abastecer o país de tanto artigo que lhe falta. E noto-se que uma grande parte da terra torna-se improdutiva pela tolerada bridade ou malevolência dos proprietários, da melhor, da mais fértil, da melhor exposta a situação que o país possui. Aqui para os lados do Coruche, teve um dos nós ocasião de observar quilómetros e quilómetros de magnífica planície a roussurar fertilidade pela manta de mato que a cobria; e nada mais que mato dela brota, pois ninguém a lava nem semeia. Toda esta riqueza permanece assim no abandono e assim permanecerá.

Sabe-se lá por que eternidades mais, enquanto ao lado dela se estiola à míngua uma população inteira. O proprietário, que não explora nem deixa explorar, que não trabalha nem consente que outros trabalhem, põe por aquela imensidade desolada meia dúzia de quadrúpedes ossudos, sugando o pasto magro que os espinhosos arbustos espontâneos lhe fornecem. Verificada a extensão do terreno assim desaproveitada, e averiguado o número de quadrúpedes que a custa dela vivem, ver-se há que por cada quilómetro quadrado não chega a haver um quadrúpede, mesmo que no número destes incluamos o proprietário.

Ora, averiguado que não há maneira de levar os detentores da terra, por boas razões, a aproveitar, em benefício da groi, os bens de que se apossaram, impõe-se a expropriação pura e simples, por utilidade pública, das propriedades desprezadas e a entrega destas a quem saiba o queira arrancar-lhes tudo aquilo que elas são suscetíveis de produzir. E' esta uma das reclamações da U. O. N. Resolve ela o problema da vida d'ora? E' evidente que não. Mas atenua-o, mas faria d'ora a vida, cada vez mais alta, da especulação com a miséria. Não é tudo, mas é alguma coisa. E' pelo menos um passo em frente para melhorar-se. O resto, que prai se tem feito, as chinezes de quanto parlapiato se apresenta a resolver problemas que não conhece, a montanha, de decretos, e decretos ultimamente publicados, quasi sempre onocobridos grossas tramoiás, e escândalos tremendos, é que não resolve coisa alguma nenhuma. Nem ao menos ataca o problema. Isto, para se ter pão, é preciso primeiro do que tudo se meia-lo que ele, do céu não cai. E' semear pão sempre foi tarefa que repugnou a madraços. As leis não dão de comer — a não ser para os políticos profissionais. Só cultivando conseguiremos aumentar o conteúdo da área nacional. Não tem portanto direito a continuar prejudicando uma população inteira aqueles proprietários que, intitulando-se senhores da terra que é de todos, nem ao menos dela tiram o produto de que todos nós necessitamos. A expropriação impõe-se, imediata. Tratemos da expropriação, que, de contrário, é a exemplo do que já na Rússia se passou, começará qualquer dia o povo a realizar, por suas mãos, as reformas há tanto ambicionadas.

### A VINGANÇA DOS LAVRADORES

### No conselho de Odemira passam-se coisas graves

Acaba a U. O. N. de receber o seguinte telegrama de Garvão (Odemira), cuja gravidade é evidente, telegrama que é assinado por duas pobres mulheres:

Rogamos providências e a presença de delegados dessa União no Vale de Santiago. Novas casas estão cercadas pela guarda republicana, tendo sido presos nossos maridos pelo crime de serem sócios da Associação.

As autoridades do conselho de Odemira, conluídas com os lavradores, servem caprichos não escrupulizados em se, estão perseguindo ferozmente os trabalhadores rurais, só pelo facto de pertencerem às suas associações de classe. E' fantástico!

E faz-se isto em plena República, com o consenso, talvez com o apazamento do governo cujo presidente ainda há dias disse no parlamento — palavras! — que era um fiel cumpridor da lei, que não queria perseguições. A situação é realmente fantástica. Pois nós denunciámos este estranho facto ao presidente do ministério, e sempre queremos ver se, uma vez conhecido do que se passa para as bandas de Odemira, onde uma câfila de bandoteiros se instalou, ele acaba bem que se persiga homens que cometem o grande delito de serem sócios do seu sindicato profissional.

E passa-se isto em 1919!

Trabalhadores lede e propagai a BATALHA

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Comércio

É manigância corrente dos senhores negociantes a retaliação de secos e molhados sobre o género manioso, berrante placard onde o preço aparece em grossas letras, precedido da palavra *quilo*, escripta em caracteres igualmente gigantesco. Passa a gente na rua, a ruminar na vida, deita um olho pra montanha e vê o preço, bate as costas e acaba por entrar, fazendo pesar um quilo do género exposto. Fechado o saco, ao concluir da compra, eis que o caixa, num meneio de quem não quer a coisa, nos pede pelo escasso quilograma do artigo exactamente o dobro do que na montanha estava anunciado. Espanto do freguês, como é de crer. Entra então na conversa o furtivo do patrão e aponta-nos triunfante uma fracção que no placard antecedia a palavra *quilo*, reduzindo a quinhentas grammas teóricas a quantidade de género relativa ao preço lá inscrito. A intenção de intrujice é manifesta. O preço, já se disse, está inscrito em letra bem visível, o mesmo sucedendo à palavra *quilo* que o precede, enquanto a fracção 1/2 mal se percebe, inda que a uma lupa se recorra. O comércio é feito todo a custa de intrujices assim, mais ou menos graves, maior ou menormente descaradas. O respeitável comércio! Desde a fraude no peso à falsificação do género, e que meios achará ele menos honestos quando se trate de esquivar-se à última moeda dos bolsos do comprador seu escravo?

### A cantiga

Esta moderna ária do trabalho, *trabalhai, trabalhai!* está sendo também cantada em França com todo o entrain. Uma folha francesa comparou-a a aqueles coros marciais dos teatros, e que os guerreiros, cantando a *pleine voix*, marchavam, marchavam! *Trabalhai, trabalhai!* — mas não mesmo isto — mas deixem-nos ir sugando parasitariamente a vida ornamental, inequívoca da escarva alguma coisa. *Trabalhai, trabalhai!* — mas fiquemos nós exceptuando a regra que para uso alheio se dita apenas. Certo é que não se precisa mesmo de cantar para fazer, nem com o fado, nem o cérebro, os que mais esperam trabalhar — e a gente a espera eternamente de que eles se resolvam um dia a aplicar a si próprios a exortação.

### A propriedade

Reconhece aqui um considerado economista que, de facto, a organização económica da sociedade reclama uma profunda remodelação. Muito bem. O diabo é que o considerado economista opina seguidamente que não deve essa remodelação atingir a essência da propriedade, da liberdade e da família. E com isto fica a gente sem saber em que diabo consistirá a tal remodelação encarecida, desde que é realmente o actual regime de propriedade privada aquele que mais urgentemente necessita ser modificado. O que nos salva é o facto de não ser a remodelação social tarefa de que os economistas burgueses se encarriguem. Teremos nós de fazê-la a menos que nos resignemos a ver ficar tudo como dantes.

### Congresso da Construção Civil

Tendo terminado a greve ferroviária, que deu motivo ao adiamento deste Congresso, que já devia ter-se realizado em Julho, são, por este meio, convidadas as camaradas que fazem parte da comissão organizadora a reunir amanhã, pelas 21 horas, para tratar de vários assuntos que ao Congresso dizem respeito.

## O II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL

realiza-se em Coimbra

NOS DIAS 13, 14 E 15 DO CORRENTE MÊS

Coimbra vai, enfim, assistir ao mais importante dos Congressos Operários que em Portugal se tem realizado.

Tendo a greve ferroviária terminada, deliberou a comissão organizadora, em sua reunião de ontem, que ele se efectue nos próximos dias 13, 14 e 15 do corrente mês, respectivamente sábado, domingo e segunda-feira.

Para regularizar todos os preparativos da chegada dos respectivos delegados dos sindicatos aderentes, parte para ali, dentro de breves dias, um membro da comissão organizadora, que procurará arranjar alojamento para todos.

Ao mesmo tempo, a comissão previne os sindicatos aderentes e os seus respectivos representantes de que, tendo oficiado, por duas vezes, a todas as companhias ferroviárias, solicitando-lhes uma redução no preço das passagens, mediante a apresentação do indispensável cartão de identidade, só receberam respostas satisfatórias das Companhias do Porto a Povoia e Famalicao e Guimarães. Por este motivo, os delegados sciétes de que devem contar com mais este contratempo que, no entanto, não influirá na grandezza do acto a realizar.

Novamente chamamos a atenção dos sindicatos que tendo dado a adesão, ainda não regularizaram a sua situação, enviando as cotizações ou nomeando os seus delegados, que o devem fazer rapidamente, assim como quaisquer associações que ainda não deram a sua adesão ao Congresso convêm que o façam dentro de breves dias.

Que todos os delegados estejam prontos a partir para Coimbra a tempo de assistir ao Congresso!

## As últimas greves

A burguesia, temendo o operariado organizado, defende-se desesperadamente, secundada pelo Estado.

Temos por costume ser francos, falar a linguagem da verdade. Por isso não hesitamos em reconhecer que, nos últimos tempos, o operariado tem perdido várias greves de grande importância. E' porque tem lutado menos energicamente, porque não possui a necessária energia e persistência? Não. Nunca as classes trabalhadoras dispenderam tanta energia, nunca se empenharam com tanto ardor nos seus movimentos reivindicatórios. A explicação do caso está em que a burguesia, temendo o que lá por fora se está passando, sentindo estremecer o solo debaixo dos pés, recela que, com a satisfação de determinadas reclamações do proletariado, este redobrarão no seu ardor combativo, levando até o máximo, que seria a Revolução, o seu anseio emancipador. Está disposto a resistir energicamente, a lutar desesperadamente, como que sentindo que lhe há de dar a morte. Esta a verdade para e simples. O que deve de as classes trabalhadoras fazer em face disso? Desanimar, dar índices de fraqueza, deixar-se invadir pela desmoralização? Longe disso; nós temos que pensar simplesmente em opor à resistência das classes burguesas uma resistência ainda maior, em lançar mão de armas idénticas às que ela emprega. E' uma questão de melhor preparação dos movimentos, de preparação em que nenhum detalhe seja esquecido, aguardando-se a ocasião mais propícia para a apresentação de determinadas reclamações. Temos de nos convencer de que a luta social estáse tornando cada vez mais real e que, de ambos lados, se jogam as cartas mais arriscadas, como se uma partida de vida ou de morte se tratasse.

Além da resistência oposta pela bur-

guesia, as classes trabalhadoras ainda lutam com outra dificuldade — a oposição sistemática do governo, seja qual for o seu rótulo político. Na verdade, os políticos nunca dão razão ao operariado, utilizando-se dele unicamente para as suas aventuras revolucionárias. Tem-se dado greves motivadas por reclamações justíssimas, em que é evidente a razão que assiste às classes em luta, como sucedeu com os ferroviários. Mas o Estado, implacavelmente e insensatamente, cerra os olhos e faz pender o fiel da balança para o lado da burguesia, com o peso do seu gládio. Ele não se importa com a justiça ou injustiça da greve. O governo democrático da democracia Republicana portuguesa, cimentada com o sangue dos proletários, esmagou sem dó nem piedade, as classes que se rebelaram, porque elas põem em perigo os interesses dos capitalistas.

Desta forma, tendo de se defrontar com uma burguesia disposta a resistir e um Estado que se encontra incondicionalmente ao lado dos interesses capitalistas, o operariado tem de contar apenas com os seus próprios recursos, com as suas energias, disciplinando-as, coordenando-as, porque deve reconhecer que a luta de classes hoje já não é nada do que era ontem. Agora o calor da peleja, a energia desnvoltada de ambos os lados, precipitam-nos para as soluções violentas. Serão benefícios para nós? Possível é que o sejam, porque a intransigência exagerada dos dominantes decerto despertará muitas classes para a luta, convocando para a peleja elementos que julgavam as primeiras linhas da frente do proletariado bem guardadas e que, por isso, repousavam na retaguarda.

Por só falarmos a linguagem da verdade, escrevemos hoje estas linhas. O que é necessário é que o proletariado se compreenda, que se compreenda a gravidade da situação, que pondere as medidas a adoptar. Desde que proceda com sangue frio e com a necessária as- gúcia, certos estímulos de que não levamos a melhor os nossos fideis inimigos porque; mais alta do que a voz deles, ouve-se a voz da oficina, do campo e da fábrica.

## NA LINHA DE FOGO

## A última greve

O movimento ferroviário, que se estendeu por dois longos e arrastados meses, teve ontem o seu epílogo trágico na rendição dos illinos combatentes. A capitulação dera-se já no sábado, no ministério do interior, ante o sr. Sá Cardoso que doiron a pílula da humilhação com palavras doces à rapaziada.

Ah, o lamentável insucesso! E era de prever. Lançar um movimento desta ordem com uma classe de elementos heterogénios, falhos de coesão, e numa fase da reacção governamental que anteriores movimentos tinham revelado a evidência, era fracasso mais que certo, não ser que actos fortes de energia estivessem no programa da greve. Mas a classe ferroviária, que tem vivido sempre no empergido culto da força própria e da orgulhosa máquina de que se bastava a si própria, é em extremo legalista, não morre de amores pela acção revolucionária; ficando além disso mais de oportunismos políticos que da prática sindical. E o resultado viu-se.

Hoive, de facto, nesta greve um optimismo demasiado da parte dos seus organizadores. Quando se vai para um combate vai-se disposto para tudo e foi isto, que não se fez, uns confiantes na força própria, outros crendo que o governo por ser democrático e ter na classe illinos correligionários já aliar-se aos gorzovilhos da finança, como fez Machado Santos; outros ainda avessos a altitudes violentas, como se fosse possível lutar plaudicamente com as disposições pretorianas dum governo e uma corporação em que oitenta por cento do pessoal não tem consciência de classe e ignora o que é espírito de camaradagem.

Houve também, sintoma de inesperienza, uma lamentável imprevisão da sua inoprotundidade. Atravessava-se uma atmosfera carregada de repressões. Paratava-se entre governo e alta comércia que nenhuma greve vingaria. E num conjuntura destas, os ferroviários só poderiam aguentar-se sustentados por uma forte sub-estrutura revolucionária. A greve surge, romantica, sentimental —

mas desarmada. O governo mobiliza logo alguns milhares de contos e passa palavra ao comércio para aguentar-se, que antes era preferível um prejuízo facilmente resarcível do que a explosão bolchevista.

E o movimento foi esmagado. Mas não se dirá que não houve nessa greve, grandeza, heroismos, abnegações no meio da onda desmoralizadora que indisciplinadamente, desgastando-o e enfraquecendo-o de dia para dia. Os que reteriores movimentos tinham revelado a evidência, era fracasso mais que certo, não ser que actos fortes de energia estivessem no programa da greve. Mas a classe ferroviária, que tem vivido sempre no empergido culto da força própria e da orgulhosa máquina de que se bastava a si própria, é em extremo legalista, não morre de amores pela acção revolucionária; ficando além disso mais de oportunismos políticos que da prática sindical. E o resultado viu-se.

Hoive, de facto, nesta greve um optimismo demasiado da parte dos seus organizadores. Quando se vai para um combate vai-se disposto para tudo e foi isto, que não se fez, uns confiantes na força própria, outros crendo que o governo por ser democrático e ter na classe illinos correligionários já aliar-se aos gorzovilhos da finança, como fez Machado Santos; outros ainda avessos a altitudes violentas, como se fosse possível lutar plaudicamente com as disposições pretorianas dum governo e uma corporação em que oitenta por cento do pessoal não tem consciência de classe e ignora o que é espírito de camaradagem.

Houve também, sintoma de inesperienza, uma lamentável imprevisão da sua inoprotundidade. Atravessava-se uma atmosfera carregada de repressões. Paratava-se entre governo e alta comércia que nenhuma greve vingaria. E num conjuntura destas, os ferroviários só poderiam aguentar-se sustentados por uma forte sub-estrutura revolucionária. A greve surge, romantica, sentimental —

Manuel RIBEIRO.

## OS ACONTECIMENTOS DE HUNGRIA

## Ainda a queda do arquiduque José

Segundo os telegramas das agências officiaes, a queda do arquiduque é devida a decisão da Entente de não tolerar a volta de nenhum Habsburgo ao trono, assim como a oposição decidida das classes operárias.

Ora este último motivo é que é o verdadeiro. Refeito da primeira surpresa, o povo trabalhador da Hungria, apesar da ocupação estrangeira, apesar do terror branco e das execuções sumárias, começou a atacar com denodo o novo governo. Logo de começo nos falaram os telegramas duma delegação operária, que fora pedir ao ministério que cessassem as perseguições aos comunistas — facto significativo, num período de abatimento, logo após a queda da Comuna e do governo moderado que lhe tinha sucedido.

De modo que os Aliados, protectores dos tsaristas, Kolitchak e Denikin na Rússia, intimidam ao arquiduque a retirada, para não comprometerem o prestigio próprio e a causa da burguesia no domínio dos Habsburgos. As manifestações antidinásticas provocadas na Austria pelo golpe de Estado de Budapest foram uma segunda advertência, e o que é hoje mais importante, o caso vinha reforçar a agitação do proletariado franco-britânico.

Já aqui dissemos o apoio dado à contra-revolução húngara pelos representantes da Entente. Esse apoio foi ainda mais accentuado da parte do elemento militar, de tendências realistas e clericaes. E' o que nos diz um despacho de agências: As tropas monárquicas do governo de Segredine foram sustentadas e animadas muito menos pelos diplomatas do que pelas milicias francas. Tinha em Belgrado o apoio do general Labit e em Segredine o do general comde Gendronco; amigo íntimo de Leão Daudet. Esses dois generais esforçaram-se por levar o governo francês a reconhecer no governo de Segredine uma neutralidade benévola.

O arquiduque precipitou-se. A sua impaciência não lhe permitiu aguardar a preparação do terreno. Fuzilados os forjados os chefes comunistas, enforcados os militantes mais activos, mantido o proletariado em respeito por um terror implacável, ocupado o território por tropas estrangeiras, suprimida a imprensa de oposição, reprimida toda a propaganda contrária, rechaçadas as associações, o povo húngaro seria convidado a exprimir livremente a sua vontade. E o sobretudo povo, livre com um passarinho, bradaria por unanimidade mais um voto, com patético entusiasmo: «Queremos o nosso querido arquiduque! o nosso legítimo rei! Até os mortos votariam».

O Habsburgo, porém, não teve paciência e comprometeu tudo. Como

confessou o grave Temps, «pela própria situação interna das Potências occidentais, não convém que o derriemento do bolchevismo, operação de gendarmaria conforme aos mais autenticos principios da democracia, pareça resultar em vantagem do pior imperialismo e da pior reacção».

Preciosas confissões! Uma delas é a do escopo da guerra à Hungria soviética. A Romenia gabase agora, oficialmente, de ter «aprimado um foco de propaganda bolchevista»; mas o pretexto hipocrita da invasão foi uma pretensa agressão da Hungria, uma offensiva das tropas vermelhas. Ora em 17 de Julho, uma semana antes do rompimento das hostilidades, o Conselho Supremo dos Aliados comunicou aos delegados da Checoslováquia, Romenia e Jugoslavin a sua decisão de atacar a Hungria com o concurso dos exércitos dos três países. Na mesma sessão, foi exposto o plano militar do Comando Supremo, tendo sido calculadas em 170.000 homens as forças disponíveis.

Este ponto de história deve ficar bem assente. A Comuna húngara foi assassinada pelos exércitos estrangeiros, reunidos pela reacção burguesa internacional e favorecidos pela posição geográfica da Hungria.

Em segundo lugar, vem a indecisão do proletariado internacional, ou mais particularmente, do operariado francin-gles.

O inimigo interior, os erros e causas internas de debilidade seriam, por si só, impotentes. Mas ainda sobre isto convém conhecer a verdade, e por isso daremos aos leitores elementos de reflexão num artigo do socialista italiano Edmundo Peluso.

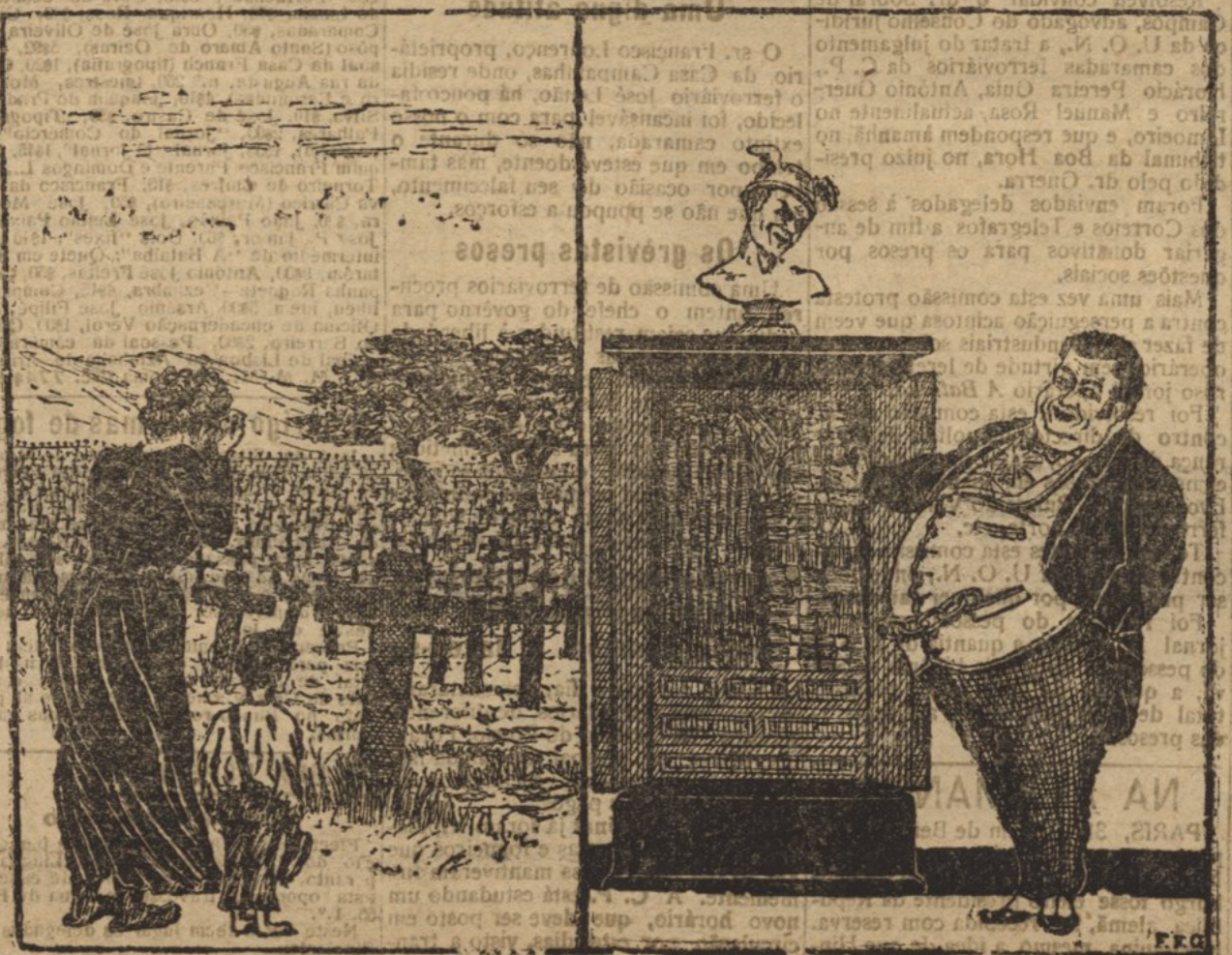
## OS DEPORTADOS

Declarou, há tempos, o sr. Sá Cardoso ao advogado do Conselho Jurídico da U. O. N., que o primeiro vapor que tocasse em Loanda, traria para a metrópole os nossos camaradas que ainda lá ficaram, devido a dificuldades burocráticas. Bastante tempo decorreu após essa promessa e ainda o sr. Sá Cardoso a não efectivou, continuando em Africa as vítimas da greve geral de Novembro, sendo certo que os deportados políticos já regressaram todos.

Hoje, novamente recordamos ao chefe do governo a sua promessa, pois é muito possível que a tenha esquecido, apesar de se encontrarem em Africa, sofrendo os horrores do degrado, cidadãos vítimas de uma violência sem precedentes, pois foram deportados sem qualquer prova ou julgamento.

Sob a falsa acusação de vadio, também foi deportado para Africa o operário corticeiro José Perdigão, que foi preso por se manifestar contra os governantes democráticos.

Quando se reparam estas injustiças?



A mesma causa com efeitos opostos











